



DISCURSOS QUE CONSTITUEM A PEDAGOGIA COMO A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

GARRÉ, Bárbara Hees¹

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências: química da vida e saúde pela Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista da CAPES. barbaraqarre@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado analisa alguns discursos que vem produzindo e constituindo a Pedagogia enquanto a Ciência da Educação. Os discursos pedagógicos aqui problematizados referem-se ao campo das ciências humanas, discursos esses que, articulados a outras áreas do saber como a Psicologia, o Serviço Social, o Direito, tem como objeto de estudo o homem e suas relações na sociedade.

Destaco o quanto essas ciências do homem, ciências que desenvolvem saberes sobre esse homem, seu funcionamento, estão preocupadas em estudá-lo, conhecê-lo para melhor controlá-lo, produzi-lo enquanto um ser dócil, controlado, útil para a organização social.

A partir de Foucault (2002) pode-se dizer que as ciências humanas nascem numa tentativa de melhor conhecer o homem para melhor governá-lo. Assim, o homem se torna sujeito e objeto da produção do conhecimento moderno. Enquanto nas ciências exatas a pesquisa se dá fora do indivíduo, em algo manipulável, quantificável, visível e experimentável, as ciências humanas vivem esse paradoxo. A característica principal percebida aqui, é que as ciências humanas constituem o homem em sua dupla condição de sujeito que conhece e objeto do conhecimento, ao mesmo tempo em que produz representações sobre sua própria condição de humano, produzindo formas de ser, estar e viver no mundo, produzindo uma episteme, a episteme moderna.

Nesse movimento proponho aqui pensar um pouco o quanto os discursos produzidos pela Pedagogia, vem constituindo o homem, a educação, a escola, a professora, o aluno, a aprendizagem. Proponho ainda, questionar a partir de qual entendimento de ciência esse campo do saber se produz, interpela e constitui o Pedagogia enquanto cientista.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho que aqui apresento olha de forma particular e local alguns discursos que constituem a Pedagogia enquanto a Ciência da

Educação. No caminho que vem sendo trilhado, tenho procurado mergulhar nos referenciais teóricos, no *corpus* discursivo, produzindo, constituindo e sendo produzida e constituída pelo universo da pesquisa.

Como *corpus* discursivo escolhi três livros que se constituem como referências básicas em grande parte dos currículos dos cursos de formação de pedagogos em todo o Brasil:

- PIMENTA, Selma Garrido. *Pedagogia: ciência da Educação?* 5ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como Ciência da Educação.* 2ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia.* 37ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

A escolha dos dois primeiros se deu por, além de serem uma referência recorrente, também se tratarem de livros que trazem o discurso da Pedagogia enquanto a Ciência da Educação. Quanto ao terceiro livro, chamou a atenção além da recorrência em praticamente todos os cursos que formam pedagogos, o fato de ter tantos números de edições. Pergunto-me: o que faz com que este livro seja utilizado? Que discursos estão sendo produzidos e que vem constituindo a formação do pedagogo?

É importante deixar claro, ainda, que minha intenção é analisar e problematizar os discursos produzidos nestas três obras. Não estou preocupada com os autores e sim com os discursos. Na correnteza com Foucault, questiono-me pelos discursos e não pelos autores dos discursos, afinal a pergunta aqui é: “que importa quem fala?” (2001)

As escolhas metodológicas desta pesquisa estão amarradas com o referencial teórico que venho me apropriando, principalmente os estudos de Michel Foucault e da perspectiva teórica pós-estruturalista. Estou operando com algumas ferramentas foucaultianas das fases arqueológica e genealógica para fazer análise do discurso, visualizando neste momento as ferramentas de discurso, poder e ciência.

Assim, encerro essa breve descrição metodológica colocando que o movimento que venho realizando é de cruzar dados, identificar aproximações (ou não) entre os diferentes discursos, reunir as regularidades do discurso para problematizá-las, Entendo que o aprofundamento teórico estará permanentemente fundamentando meu olhar, minhas análises e para tanto tenho buscado estreitar a aproximação de autores como Michel Foucault. Faço tal escolha por entender que este autor me possibilita questionar questões ainda não questionadas, pensamentos não pensados, percorrer caminhos não percorridos. Possibilita-me a ousadia, a criação, flutuando, deslizando, deslocando em outros saberes.

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificações dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é (FOUCAULT, 2005, p. 305).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na correnteza com Foucault, tomo como discurso “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (2002, p. 56). Os discursos não ocorrem fora de uma ordem do discurso mais ampla, mas num campo de ação possível, num sistema que acolhe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Esses dizeres não estão soltos no mundo à espera de serem interpretados, desvelados. Eles são produzidos e produzem esse mundo, e nele produzem efeitos de verdade.

Aqui a tentativa não é de descobrir quais discursos são verdadeiros ou falsos, não se trata de interpretar os discursos no sentido de buscar explicações para o que esses discursos estão tentando dizer, ou o que há por trás do discurso. Aqui a intenção é problematizar o que está dito. “Não procuramos, pois, passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante, da multiplicidade superficial à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do discurso”. (FOUCAULT, 2002, p. 85)

No livro “Pedagogia: Ciência da Educação?” É apresentado um trecho muito emblemático que trata:

Cabe aí, na práxis do educador, realizar o estudo sistemático, específico, rigoroso, dessa prática social, como forma de se interferir consistentemente nessa prática social da educação, cuja finalidade é a humanização dos homens. A esse estudo sistemático denomina pedagogia, ciência que tem na prática da educação razão de ser – ela parte dos fenômenos educativos para a eles retornar. (Pimenta, 2006, p.53)

Este discurso de humanização dos homens é um discurso muito forte e recorrente no campo de saber da Pedagogia. Remontando Immanuel Kant, grande pensador do Iluminismo, a educação é a possibilidade de arrancar do homem a selvageria para civilizá-lo. Assim, discursos que se colocam na atualidade do campo de saber da Pedagogia parecem evidenciar os modelos fundantes de uma Pedagogia Moderna, pautada especialmente no Iluminismo, da qual, parece ainda não sairmos.

Quanto a caracterização da Pedagogia como este estudo sistemático que *parte dos fenômenos para a eles retornar*, fica evidente o quanto o paradoxo vivido pelas ciências humanas vem produzindo e constituindo a Pedagogia, como ciência de reduplicação do homem, como sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido.

Para finalizar este breve resumo problematizo a própria concepção de sujeito, tão narrada nos discursos pedagógicos, sujeito de sua aprendizagem, sujeito crítico, sujeito transcendente. Que sujeito é esse? O sujeito do iluminismo, com uma identidade única, civilizada, estável e permanente? O sujeito heterossexual, branco, de cultura ocidental?

Para Foucault sujeito remete a alguém assujeitado a si e ao outro, submetido às práticas e estratégias de normalização.

Há dois significados da palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (1995, p.235).

Sugiro pensarmos outras possibilidades, em relação à ciência, à educação, à Pedagogia, assumindo um fazer científico bem mais humilde, bem mais modesto, olhando a ciência como uma das possibilidades de produção de saber, como um construto humano, produzida por homens e mulheres deste mundo,

buscando respostas provisórias, que provoque o pensamento, o erro, a tentativa de ousadia, de trilhar caminhos ainda não trilhados.

4. CONCLUSÕES

Provoco-me a pensar o quanto os discursos pedagógicos aqui discutidos produzem verdades ao mesmo tempo em que são produzidos por elas. Então quais as possibilidades de resistirmos a essa ordem do discurso colocada? Como não entrarmos neste fluxo? Talvez seja impossível pensarmos numa resistência como ruptura total. Talvez seja impossível não entrar no fluxo, não entrar na ordem do discurso, mas talvez seja possível fazer um exercício de pequenas revoltas diárias, de pequenas resistências, pequenas rupturas, pequenos abalos que movimentem nossas quietudes, nossas certezas, como nos convida Rosa Maria Bueno Fischer:

Isso significa investir na problematização daquilo que nos é dado como salvação, como calma, para nossas inquietações sociais, teóricas e metodológicas. O convite é deixarmos para trás o lago sereno das certezas e mergulharmos naqueles autores e teorizações nos quais encontremos fontes consistentes, ferramentas produtivas para a formulação de nosso problema de pesquisa, exatamente na medida em que eles nos convidem ao exercício da arte de pensar de outra forma o que pensamos, buscando tensionar essas mesmas fontes conceituais, ousando cotejá-las com outras talvez menos seguras para nós e, especialmente, ousando estabelecer relações entre esses referenciais e as primeiras incursões que fazemos em nossos materiais empíricos. (2002, p. 58).

A partir deste convite e mergulhando na análise dos materiais empíricos da minha pesquisa, percebo que hoje olho de outra forma, a ciência, a Pedagogia, uma forma bem menos arrogante e pretensiosa, pois minha pretensão não é a de buscar na história fatos para reconstituir a “História da Pedagogia” ou dos “Saberes Pedagógicos” que foram construídos. Minha pretensão é bem mais modesta que esta, é a intenção de problematizar o presente, entendendo que este presente foi produzido por alguns discursos, alguns atravessamentos, algumas condições de possibilidade. Escolho trabalhar desta forma por acreditar que somos seres deste mundo, capazes de realizarmos algumas coisas e não outras, não temos condições de dar conta de um universo, de sermos a voz da consciência de uma sociedade. Percebo-me enquanto uma profissional, uma pesquisadora que tem condições de dar conta de algumas questões bem mais locais, bem mais restritas, mas que me atravessam, me constituem, produzindo-me nesta profissional e não outra.

5. REFERÊNCIAS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In.: COSTA, Marisa Vorraber. (org). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

_____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Ditos e Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.